

MARÉ DE ATRAÇÕES

O que leva tanta gente para o Litoral Norte

Os motivos que levaram um engenheiro florestal formado pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) a trocar projetos na Bolívia e no Rio de Janeiro pela vida de comerciante em Capão da Canoa são semelhantes aos que fizeram dois jovens de Novo Hamburgo e Buenos Aires escolherem o litoral gaúcho para viver após o casamento, há cinco meses. Mesmo sendo chamado de louco pelos amigos, o analista de mercado de capitais Adão Geraldo Régis dos Santos, 54 anos, garante que vale a pena viajar três horas diárias para ir e voltar da casa que construiu em Balneário Pinhal até o emprego em Porto Alegre. Desempregado em Alegrete, o ex-tosador de ovelhas Emerson Barcelos, 21 anos, conseguiu trabalho em uma obra no dia seguinte em que desembarcou na praia, há duas semanas.

Não é por acaso que a região é a que mais cresce no Estado, reunindo sete das 12 cidades que mais incharam em população na última década, como indicam dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Impulsionada por uma maré de oportunidades sem precedentes na região, sustentada por fatores como a expansão do setor de construção civil e da rede universitária, uma nova geração de migrantes derruba o mito de que o Litoral Norte só atrai veranistas e aposentados em busca de tranquilidade. Embora a vida em frente ao mar seduza quem procure sossego longe do estresse da metrópole, quem decide deixar de ser veranista para morar na praia geralmente procura mais: mais segurança, mais emprego, mais qualidade de vida. E encontra.

Confira a seguir por que a região atrai tanta gente e se transformou no novo polo gaúcho de crescimento.

Localização estratégica

Pouca gente entende o que levou o analista de mercado de capitais Adão Geraldo Régis dos Santos, 54 anos, a se mudar para Balneário Pinhal, a cidade que mais cresceu em população na última década, segundo o IBGE. Ainda mais porque seu trabalho continua em Porto Alegre. Mas o diretor da Federasul e ex-presidente da Associação dos Funcionários do Banrisul não vê nada demais no itinerário diário que percorre. Toda manhã, sai de sua casa, na praia, e percorre a RS-040 durante uma hora e meia até o centro da Capital.

A quem pergunta por que tanto sacrifício, ele responde: que sacrifício? Satisfeito com o incremento de qualidade de vida, comemora o privilégio de poder dar uma caminhada diária na beira da praia antes de encarar o trânsito de Porto Alegre. E mais: poder deixar a casa de 340 metros quadrados de portas e janelas abertas.

– Aqui é uma vida diferente, todo mundo se conhece. Eu não tenho essa preocupação de ficar trancando tudo, e posso me energizar em frente ao mar. E nunca chego atrasado ao serviço, aqui é quase como se fosse um bairro da Grande Porto Alegre – diz.

Bons negócios

O plano era passar 10 dias de férias na praia de Capão da Canoa. Hoje, faz quase sete anos que o engenheiro florestal Christiano Andreola Krewer, 36 anos, de Giruá, adotou a cidade. E a paixão foi tanta que ele convenceu toda sua família a se transferir para o Litoral.

– Não troco isso aqui por nada – diz.

Primeiro, ele quis ficar porque se apaixonou. Durante as férias, quando conheceu a dentista Cristiane Valssoler, 36 anos, o engenheiro passou a ver menos graça na rotina itinerante

de sua profissão, que exigia meses de deslocamento para acompanhar obras em lugares como Bolívia e Rio de Janeiro. Aos poucos, o que parecia ser uma aventura romântica se revelou um bom negócio. A loja de pijamas e lingerie que o casal montou para sobreviver deu tão certo que eles abriram mais duas.

Após o nascimento do primeiro filho, em 2005, Krewer inspirou seus pais e o irmão Caio, 25 anos, a se mudarem de Giruá para o Litoral. Hoje, a mãe, Arlede Krever, 59 anos, é dona de uma loja de semijoias, administrada em parceria com o filho Caio, que se formou em Administração de Empresas na semana passada, na Faculdade Cenecista de Osório (Facos).

– Depois que nasceu meu netinho deu muita saudade, e aí decidimos vir também – diz Arlede.

A trajetória de migração repete o ciclo feito pela família de Cristiane. Natural de Farroupilha, na Serra, foi para o litoral quando criança, com a mãe, Ana Maria Giacomoni Valssoler, 68 anos, e a irmã Raquel, em busca de uma nova vida após a morte do pai.

– Quando eu vim para cá não tinha nem banco, até para comprar roupa a gente tinha que ir para Osório. Hoje, isso até parece coisa da pré-história – ri Cristiane.

Oportunidade de emprego

Oportunidades de emprego crescem no ritmo com que se empilham tijolos na região. Imune à crise econômica, o setor viu o número de obras crescerem 50% nos últimos três anos, e hoje constrói em torno de 60 obras por ano só na região de Capão da Canoa, segundo Ailton dos Santos, presidente da Associação dos Construtores e Incorporadores do município.

Seguindo o exemplo do irmão, que há cinco meses trocou os campos do Alegrete pelos andaimes em frente ao mar, o então tosador de ovelhas desempregado Emerson Barcelos, 21 anos, decidiu arrumar as malas e fazer a primeira viagem de sua vida, há duas semanas. Ficou impressionado com a facilidade com que conseguiu emprego. Um dia depois de ter desembarcado na rodoviária de Capão da Canoa, já estava trabalhando em uma obra.

Mercado promissor

Ela morava em Novo Hamburgo, ele em Buenos Aires. Depois de um ano de namoro à distância, Juline Huasta, 21 anos, e Nicolas Huasta, 23 anos, estavam com o casamento marcado para março deste ano. Precisavam decidir onde viveriam e montariam juntos a agência de publicidade planejada. Neste verão, durante o veraneio na casa da família dela em Xangri-lá, se convenceram. Fixariam raízes em Capão da Canoa.

Os amigos estranharam, mas eles não se arrependem. Em cinco meses, já conquistaram sete clientes fixos, e a procura pelo serviço só aumenta. Eles faturam produzindo folders, outdoors e sites para comerciantes.

– A gente viu que aqui está crescendo muito. Aqui tem vida o ano inteiro, e o mercado não é saturado – diz Juline.

Mais segurança

As noites em que caminhava desconfiado pelas ruas da Cidade Baixa, maneando a cabeça para os lados para verificar se havia qualquer suspeito por perto, ficaram para trás. Agora, o comerciante aposentado Carlos Edmundo Kuhn, 72 anos, aproveita os passeios tranquilos pelas ruas silenciosas de Balneário Pinhal:

– Aqui, não preciso olhar para os lados.

Com uma média de no máximo uma ocorrência por semana, o sargento da Brigada Militar Selmar Albieri passa os dias em companhia da TV.

Tem diversão

O crescimento de população amplia a demanda por espaços de lazer e cultura durante o inverno. E quem aproveita a oportunidade lucra. Com um movimento constante de pelo menos 80 pessoas durante a semana na baixa temporada – e um pico de até 1,7 mil pessoas em um dia do final de semana de verão –, um boliche em Xangri-lá já ampliou de seis para 12 o número de pistas desde a abertura, em 2006. No mesmo período, o número de mesas de bilhar saltou de 12 para 20.

– Agora vamos abrir uma filial em Imbé – planeja o gerente do estabelecimento, Edson Simon, 27 anos, que deixou Sapiranga para administrar o negócio no litoral.

Entre os frequentadores também estão empreendedores que vieram de longe atrás da nova pujança econômica, como o catarinense Jedson Santos, 30 anos. Natural de Sombrio (SC), o representante comercial de produtos da construção civil viu o salário crescer 10 vezes desde que se mudou para Capão.

– Antes, trabalhava atrás do balcão e ganhava salário mínimo, aqui já consegui comprar três carros e casa própria – comemora ele, que na quarta-feira à noite se divertia no boliche com os amigos Dinis Tobias, 30 anos, e Márcio Gomes Costa, 25 anos, também catarinenses e representantes comerciais.

Polo moveleiro

A reboque do boom das construções, impulsionado pela proliferação de condomínios no Litoral Norte, a região começa a formar um novo polo moveleiro, com mais de 200 estabelecimentos do setor de móveis e decoração apenas entre Capão da Canoa e Xangri-lá.

Quando Gilnei Lumertz abriu sua primeira loja de móveis em Capão da Canoa, em 1992, por exemplo, tinha quatro concorrentes. Hoje, calcula que tenha pelo menos 30.

Um dos corredores onde a expansão é visível é a Avenida Paraguassu, que começa a atrair show room de marcas consagradas em móveis planejados.

– Aqui podemos fazer todo o acompanhamento, e a demanda é crescente – avalia Ricardo Fernandes, proprietário de uma franquia de móveis planejados que inaugurou em fevereiro deste ano em Capão da Canoa.

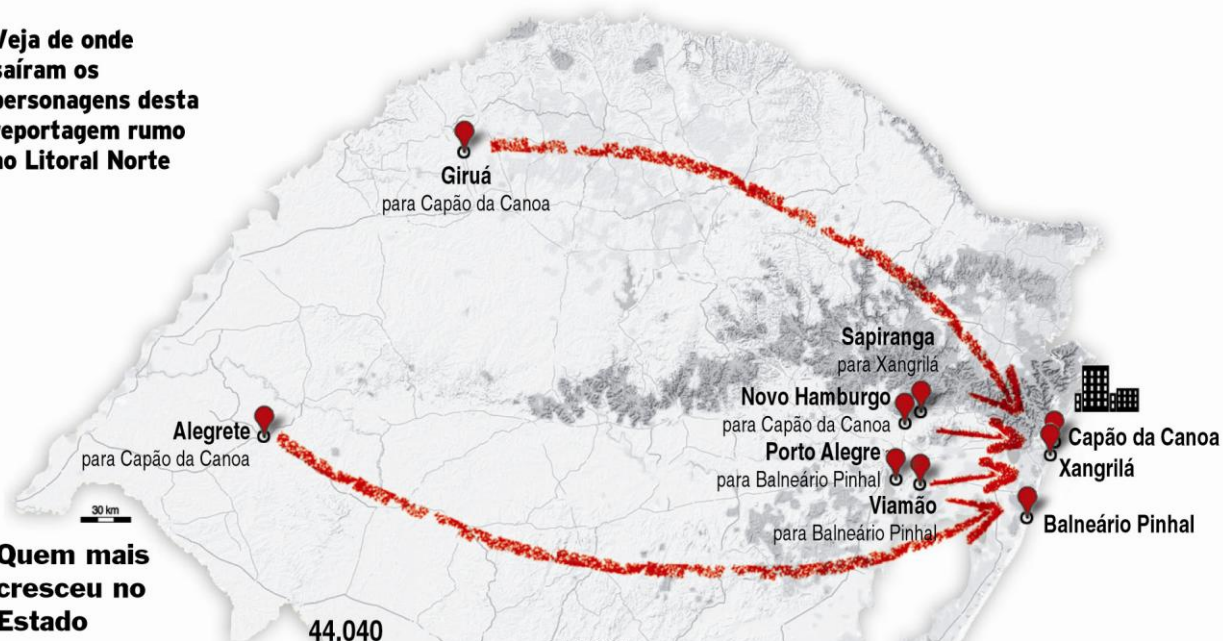
Os desafios

Ao mesmo tempo em que o cenário empolga os novos moradores, também traz desafios, como o risco de crescimento desordenado. Entre 2000 e 2006, por exemplo, municípios da região tiveram resultados no Índice de Desenvolvimento Socioeconômico para Rio Grande do Sul (Idese) abaixo da média estadual. Enquanto o Estado aumentou em 1,5% seus indicadores, Balneário Pinhal caiu 0,08% e Capão da Canoa oscilou 0,28%. Para o estatístico da Fundação de Economia e Estatística (Fee) Rafael Bernardini Santos, os números servem de alerta.

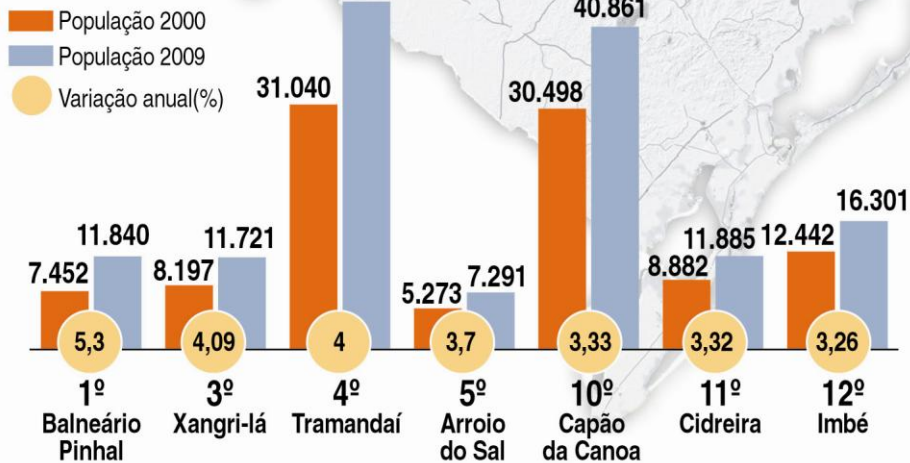
– Pode ser consequência desse aumento populacional, que faz com que o PIB per capita caia e os serviços não acompanhem o mesmo ritmo – analisa.

VEJA NO MAPA(abaixo)

Veja de onde saíram os personagens desta reportagem rumo ao Litoral Norte



Quem mais cresceu no Estado



**Fonte da pesquisa: Zero Hora – 30.08.09 - Porto Alegre – RS
Censo 2010**

<http://www.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default2.jsp?uf=1&local=1&source=a2635611.xml&template=3898.dwt&edition=13016>